

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Daniele André da Silva

Universidade Norte do Paraná – UNOPAR - daniandre2011@gmail.com

Maria José Neves de Amorim Moura

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB -majoneamorim@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho objetiva relatar o vivenciado pela professora e alunos do componente curricular estágio supervisionado III do curso de Licenciatura em Matemática, contemplando a observação e intervenção de aulas de Matemática no Ensino Médio em uma escola da rede estadual do estado da Paraíba. O interesse por essa temática se insere em diagnosticar as reais contribuições do componente curricular estágio supervisionado aos futuros professores de Matemática e a professora orientadora do estágio. Essa vivência nos mostra que é na complexidade do contexto escolar que se revela as habilidades dos futuros professores, lhes proporcionando autonomia para o exercício da docência, harmonizando novos saberes, tanto para os estagiários como para o professor orientador, contribuindo para a constituição da identidade profissional dos envolvidos.

Palavras-chave: Educação Matemática; Formação do Professor; Estágio Supervisionado.

Introdução

Nas últimas décadas, algumas ações políticas têm buscado promover uma melhoria na qualidade da educação brasileira, embora ainda haja muito a ser feito nesse sentido. Dentre essas ações, destaca-se a elaboração de documentos de referência curricular, a criação de um sistema de avaliação dos livros didáticos, formação continuada para os professores das escolas públicas. Embora seja fato que tais ações, apesar de algumas limitações, têm contribuído para reflexões acerca do ensino e aprendizagem.

Por outro lado, as instituições de ensino superior responsáveis pela formação inicial dos professores, apesar de ser o campo de pesquisa acadêmica, pouco tem avançado no que se refere à formulação de um documento que oriente as aulas do componente curricular estágio supervisionado. Para tanto, entendemos que o componente supracitado, através das leituras realizadas e no trajeto universidade escola da educação básica pode favorecer aprendizagem tanto para os professores na formação inicial como para o professor orientador do estágio, aqui relataremos a vivência do componente curricular estágio supervisionado III, em seu trajeto universidade e escola da educação básica, a qual constitui o campo de estágio, e as contribuições dessa disciplina para a constituição da identidade profissional dos futuros e atuais professores de Matemática.

A concepção de Identidade profissional que defendemos está pautada nas palavras de Pimenta (2010), quando afirma:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão das tradições. Também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. De confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também pelo significado de cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente em seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos (PIMENTA, 2010, p. 67).

O campo de estágio deve ser um local com significado para os estagiários e professor orientador e não um ambiente para cumprir as exigências legais da licenciatura, só assim é possível a esses profissionais tirar lições positivas que lhe possibilite a ressignificação dos saberes arraigado pela sua história como aluno da educação básica, do ensino superior e exercício da docência.

Afinal, quais são os saberes que permeiam o componente estágio supervisionado que pode ser internalizados pelos atores envolvidos?

Tais saberes devem ser sinalizados aos estagiários pelo professor da universidade, para tanto, esses profissionais devem conhecer tanto a literatura que versa sobre o estágio como ser conhecedor das práticas das escolas da educação básica, para conduzir o seu trabalho de orientador.

Este relato descreve a vivência dos alunos e professora do componente curricular estágio supervisionado III do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, no primeiro semestre do ano letivo de 2016.

O Estágio Supervisionado na Universidade e na Escola da Educação Básica

Inicialmente, estava matriculados na disciplina estágio supervisionado III oito alunos. As aulas na universidade foram iniciadas no final do mês de janeiro do corrente ano. Na primeira aula a professora apresentou o plano de trabalho, que sinalizava para a leitura de textos, discussões sobre os aspectos práticos, elaboração de resenha/resumo, observação do contexto escolar (aproximadamente cinco horas aula), intervenção/ministrar aulas de Matemática (quinze horas aula), sendo a observação e intervenção em turmas do Ensino Médio e elaboração do relatório final de estágio, após essa apresentação os alunos se mostraram apáticos, então perguntamos para os

alunos “Quais as suas expectativas em relação a essa disciplina?” As respostas foram marcadas pelo desencanto, ‘Pouco contribui para o nosso fazer de sala de aula, ir a escola ministrar uma aula uma vez por semana, perdemos a continuidade do conteúdo’ (fala de um estagiário), esse primeiro contato, sinalizou para a necessidade de um trabalho sistematizado e com significado para os estagiários.

Na sala de aula do estágio na universidade foi realizado o estudo das Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino (2016), iniciando pelo capítulo 2: Políticas de Fortalecimento da Gestão Escolar, capítulo 3: Etapas da Educação Básica, capítulo 5: Organização Curricular e capítulo 6: Sistema de Avaliação.

A discussão desse documento despertou o interesse de alguns alunos estagiários, pela oportunidade de conhecer as determinações e organização das escolas campo de estágio, uma vez que todos iriam estagiar em escolas da rede estadual e no Ensino Médio, assim como refletir posteriormente sobre o lido no documento e o vivido na escola.

Caminhar metodológico no campo de estágio

A ida a escola campo de estágio ocorreu após a leitura do documento supracitado e outros textos que versam sobre o estágio supervisionado na licenciatura em Matemática,

Iniciado o ano letivo da educação básica fomos à escola de Ensino Médio, o gestor e o coordenador da área de Matemática, foram receptivos, apresentamos a proposta de estágio informando que os estagiários iriam fazer observação e intervenção e foi acertado o início do estágio.

Anteriormente, nas aulas de estágio na universidade, foram elencados os critérios de observação, para as primeiras aulas, sendo eles: ambientação, planejamento do professor, motivação, domínio de sala de aula, metodologia e avaliação. Todos os alunos iniciaram realizando a observação tendo por base esses critérios.

Diante da acolhida da escola decidimos que todos os alunos realizariam a observação e intervenção na mesma escola; descreveremos em seguida o vivido por uma aluna que chamaremos pelo nome fictício Diana. A escolha dessa estagiária deu-se porque inicialmente, ela procurou realizar o estágio em outra escola, a mesma que havia realizados os estágios I e II, não sendo possível pela incompatibilidade entre o seu horário disponível ao estágio e as aulas de Matemática. Ingressou na escola, a qual estava os seus colegas, fez a observação em turmas do primeiro ano, de

um professor, não deu continuidade ao estágio nessa turma, porque a cedeu a um colega que não se encaixou no horário dos outros professores. Mudando de turma Diana fez observação e intervenção em turmas do 3º ano na modalidade de Educação Profissional Técnica de Nível Médio – EPT, é desenvolvida nas formas de articuladas e subsequentes ao Ensino Médio, podendo ser integrado ou concomitante a essa etapa da educação básica (Paraíba¹, 2016, p. 28).

Os alunos em campo, tudo parecia esta caminhando, quando quatro dos oito alunos foram dispensados do componente porque já havia realizando atividade referente ao exercício da docência, até então era visível o desejo de alguns deles em serem dispensados, pelo trabalho que iria executar e por considerar que o estágio em nada iria contribuir para a sua formação, esse acontecimento foi entendido pela professora orientadora como mais um desafio, motivar os alunos que iriam continuar na disciplina.

Diana, foi uma das alunas que continuou no campo de estágio, nas primeiras visitas a escola da educação básica, ela reclamava do tamanho da escola que no turno manhã funcionavam 33 salas de aula, com uma média de trinta alunos por turma, reclamava que demorava encontrar a sala de aula, do número de professores entre outras reclamações, iniciando a intervenção desmotivada. Diana ao ministrar as aulas, mudou o seu comportamento, parou de reclamar e se mostrou motivada, cada aula que ministrava demonstrava o domínio do conteúdo, levando os alunos a pensar matematicamente através do levantamento de hipóteses com questionamentos realizados na oralidade antes da sua realização no lápis e papel, era visível a boa interação entre professora estagiária e os alunos.

Relataremos com maiores detalhes à intervenção realizada por Diana em duas turmas do 3º ano do Ensino Médio.

As aulas foram observadas pelas professoras titular da turma e orientadora do estágio, com anotações no diário de campo da segunda docente. Aparentemente muito tranquila, Diana com seu plano de aula escreveu no quadro branco o plano cartesiano e interagindo com os alunos explicou o que são retas perpendiculares que forma o plano cartesiano, os quadrantes e marcou pontos no plano, ela percebeu que alguns alunos estavam com dúvidas, explicou novamente pacientemente e prosseguiu com a definição de distância entre dois pontos. Diana foi surpreendida por um aluno do 3º ano do Ensino Médio que a questionou de onde vem essa fórmula de distância? Tem a ver com o Teorema de Pitágoras? Ela respondeu: sim, essa fórmula usa o Teorema de Pitágoras na

¹ Paraíba, se refere As Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino.

demonstração e complementou, quem tiver interesse pode pesquisar essa aplicabilidade no livro didático, internet entre outros meios.

Dando continuidade à resolução do exemplo, percebendo que alguns alunos não entendiam quem era o x_1 , x_2 , y_1 e y_2 pra colocar na fórmula, “foi aí que enumerou cada par ordenado da questão com as notações, e assim eles começaram a compreender”. Em outra turma, um aluno escreveu a fórmula errada no caderno, e a professora titular da turma já havia alertado quanto a isso, que alguns alunos copiavam as fórmulas erradas e não conseguiam resolver os exercícios. Com essa informação, Diana tomou o cuidado de olhar se todos estavam copiando e foi então que percebeu o erro do aluno e o orientou. Depois desse exemplo, foi realizado o exercício individual para os alunos resolver e foi perceptível, nas duas turmas, que muitos alunos têm dificuldades em resolver operações com os números inteiros, a exemplo, resolver a expressão: $-5-(-3)$.

Dando continuidade a resolução das atividades sobre equidistância entre dois pontos, em uma questão foi necessário desenvolver um produto notável e a maioria dos alunos alegou não sabiam o que era isso. Sendo necessária uma revisão do conteúdo quadrado da soma e da diferença de dois termos, em seguida deu-se continuidade a resolução dos exercícios, em uma das questões propostas precisava resolver uma equação do 2º grau, a qual foi deixada, propositalmente, para os alunos resolver individualmente, no intuito de diagnosticar se eles sabiam resolver a equação, alguns chegaram ao resultado correto outros não, no decorrer dessa atividade, a estagiária interagiu com os alunos tirando as dúvidas individualmente e quando percebia que a dificuldade na resolução era comum a vários alunos, ela resolvia no quadro, essa aula foi encerrada com a proposta de atividades para casa.

Na aula seguinte, verificou que a maioria dos alunos não resolveu o exercício de casa, sendo feito coletivamente na sala de aula com a ajuda da estagiária e foi percebido que alguns alunos não lembravam da fórmula de distância entre dois pontos.

Diana iniciou o conteúdo de ponto médio de um segmento, de maneira similar ao de distância entre dois pontos: traçando o plano cartesiano, colocando dois pontos no gráfico unindo-os, formando assim o segmento, seguido da fórmula. Foi aí que um aluno perguntou: É só isso? Tá fácil demais? A estagiária apresentou um exemplo, rapidamente um aluno fez o cálculo mental e deu à resposta correta, o mesmo ocorreu em outros exemplos com vários alunos, essa mesma atividade tinha uma questão que envolvia os números fracionários, o que deixou os alunos preocupados, resistindo em resolvê-la, Diana então explicou que não tinha nenhum problema em dar uma fração, porque no plano cartesiano trabalhamos com os números reais, o que tranquilizou

os alunos. E assim, Diana procedeu no decorrer da intervenção realizando oito aulas contínuas em duas turmas do 3º ano do Ensino Médio, totalizando dezesseis aulas ao todo.

Ao retornar as aulas da universidade realizamos rodas de conversas para os estagiários relatarem o vivido nas escolas e também foi aplicado um questionário que teve por objetivo refletir sobre as contribuições do estágio para a formação da identidade profissional desses futuros professores.

Resultados e Discussões

Relataremos as respostas do questionário dada por Diana, ao ser questionado sobre a relação com o(s) professor(s) e os alunos da turma da escola, campo de estágio, após as observações e intervenções, “Foi ótima. Tanto a professora como os alunos me receberam bem, o que contribuiu para que o estágio tenha sido proveitoso, não só para mim, mas para os alunos também”. A receptividade dos alunos e professor deu credibilidade a estagiária e a motivou a iniciar a intervenção, levando-a a ter outro olhar para a escola básica e também para o componente.

Ao perguntar a Diana, como foram as aulas observadas por ela, tivemos como resposta “Primeiro com a exposição do conteúdo e em seguida com resolução de exercícios”. O modelo típico da aula de Matemática que vem sendo ministrado no decorrer de longos anos, o que inquietou a estagiária demonstrando querer fazer diferente e a professora orientadora do estágio foi questionada por ela, Começo a aula com um exemplo fazendo conexão do conteúdo matemático com o cotidiano? Ou apresento um vídeo? Ou com o desenho do plano cartesiano (o conteúdo que a estagiária ministrou foi Geometria Analítica), as preocupações supracitadas, sinalizam para a construção e fortalecimento da identidade profissional, conforme descreve Buriolla (1999, p.10, apud Pimenta, 2010, p. 62), o estágio é o locus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejada gradativa e sistematicamente com essa finalidade.

Para essa estagiária a transposição didática realizada pelo professor da Educação Básica, a faz refletir sobre o contexto da sala de aula, no tocante à apresentação de um conteúdo de Matemática com significado para os alunos, a aluna demonstrou que não estava no campo de estágio simplesmente para cumprir as exigências do estágio.

A estagiária, quando questionada sobre as contribuições dadas pelas observações realizadas a sua formação profissional, a sua resposta “como ainda não sou professora, foi possível ver a

realidade de uma sala de aula, como é o posicionamento do professor diante das situações que ocorrem em sala e o comportamento dos alunos”.

Diante do apresentado, é no estágio que os licenciando têm a oportunidade de voltar à escola, não mais como aluno, mas como o local para exercer a profissão, em muitos casos toma um susto porque este ambiente que até pouco tempo lhe era tão familiar, causa certa estranheza, a exemplo o comportamento dos alunos em sala de aula.

Em conversas com os outros estagiários nas aulas na universidade foi unânime em suas falas a mudança de comportamento dos alunos da educação básica, destacaram também as lacunas na aprendizagem dos conteúdos de Matemática desses alunos, sendo artificial, principalmente aos conhecimentos referente ao bloco de conteúdos números e operações, trabalhado no Ensino Fundamental, o que pode ser a causa da desatenção nas aulas, assim como dificulta o professor avançar nos conteúdos porque precisa revisar assuntos já estudados.

Ao perguntar a Diana, se a experiência no estágio havia contribuído para a sua formação profissional, ela respondeu. “Sim, para melhorar minha atitude enquanto professora, pois, se a metodologia adotada não estiver funcionando devo buscar alternativas que possibilite um melhor aprendizado para os alunos”, esse posicionamento da futura professora revela uma preocupação com os saberes associados à prática docente, refletindo sobre o seu fazer de sala de aula, comungando com Tardif et al (1991) quando descreve a prática docente na escola como uma atividade complexa correspondente a um espaço de produção de saberes diversificados. E, ao confrontarem os saberes construídos na experiência com os saberes acadêmicos do processo de formação inicial ou com as próprias prescrições curriculares. Esses autores se referem aos saberes que são (re)construídos permanente pelos professores, revisita os saberes que permearam o seu trajeto como aluno da educação básica, do ensino superior, e particularmente pela sua vivência no componente estágio supervisionado.

Outra pergunta feita a Diana no questionário, caso tenha algo a descrever que não foi contemplada nas perguntas anteriores, cite-as, aqui. “Destaco a importância do professor da turma ficar com o estagiário durante as aulas, pois só o professor tem ou não o domínio da turma e a conhece, já o estagiário não. O que acontece é que muitos professores deixam os estagiários darem suas aulas sozinhos, o que não ocorreu comigo, a professora ficou presente em todas as aulas.”

Esse posicionamento da estagiária foi diferente de outros colegas, que relataram que a presença do professor da educação básica em sala de aula tira a autonomia do estagiário, “No

momento que estou em sala de aula e consigo resolver um conflito entre os alunos, vou adquirindo experiência. É aprendizagem” (fala do estagiário na roda de conversas nas aulas de estágio).

Esse fato revela as concepções dos estagiários com relação à permanência ou não do professor titular da turma, em sala de aula, o que perpassa pela subjetividade de cada um, por ser tímido, não se sentir seguro para o exercício da docência na presença de um professor com tempo de experiência em sala de aula e outros fatores que pode influenciar nesse posicionamento, não pretendemos aprofundar a discussão nessa vertente porque os dados que disponibilizamos são insuficientes, pela complexidade dessa questão.

Ao perguntar, no questionário, sobre as leituras realizadas pelos alunos dos documentos oficiais e o vivido na escola campo de estágio III. “Os cursos técnicos, de acordo com as diretrizes, devem preparar o aluno para o mercado de trabalho. Porém os alunos visam fazer o Enem para ingressar em algum curso superior, o que acaba sendo algo contraditório, pois na grade curricular desses cursos a disciplina de Matemática, por exemplo, só tem três aulas semanais, o que é muito pouco para ensinar os conteúdos que possivelmente cairão no Enem, ou seja, o objetivo dos cursos técnicos é um e o objetivo dos alunos é outro” (resposta de Diana).

Essa constatação nos mostra a maturidade da estagiária ao perceber que três horas aulas é insuficiente para ministrar todo o programa de Matemática do 3º ano do Ensino Médio, visualizando a importância de ministrar os conteúdos, nos quais ocorra a aprendizagem, da mesma maneira demonstrar de modo implícito uma preocupação com a função da escola, no tocante a orientar os seus alunos com relação aos objetivos de cada nível de escolaridade.

Considerações Finais

Este texto visa proporcionar a reflexão sobre o componente curricular estágio supervisionado que cumpra os requisitos estabelecidos pelos documentos oficiais e proporcione aprendizagem para os professores de Matemática em formação inicial e continuada. Aqui se defendeu que a escola da educação básica pode proporcionar subsídios para a constituição da identidade profissional do educador, a qual foi revelada através das discussões das diretrizes que normatizam a educação brasileira, da leitura dos textos que trata do estágio, das rodas de conversas na sala de aula da universidade sobre o vivido nos estágios anteriores, a ida a escola campo de estágio.

Diana confirma em sua intervenção a importância das aulas de estágio serem sequenciadas e não esporadicamente, por oportunizar aos estagiários, conhecer os alunos da educação básica e a criação de estratégias que facilite o processo de ensino, no diálogo com os colegas estagiários foi sinalizado que os alunos demonstram dificuldades na aprendizagem dos conteúdos do Ensino Médio porque não foi construído os conceitos que permeiam os conteúdos do Ensino Fundamental, o que levou Diana sabiamente fazer a conexão entre os conteúdos do Ensino Médio com os do Ensino Fundamental, a estagiária já citada foi conquistando os alunos e se firmando como professora adquirindo autonomia. Para a professora orientadora de estágio, ficou as reflexões sobre a sua prática, (re)significando os seus saberes.

5. Referências

PARAÍBA, Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino, 2016.

PIMENTA, S. G.; LIMA. M. S. L. Estágio e Docência. 5. Ed. São Paulo. Cortez, 2010.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 1991.